

## DOCÊNCIA E PESQUISA: PERCURSO FORMATIVO DE UMA PROFESSORA DE EDUCAÇÃO INFANTIL DA REDE PÚBLICA MUNICIPAL DO RIO DE JANEIRO.

*TEACHING AND RESEARCH: EDUCATIONAL JOURNEY OF A PRESCHOOL TEACHER FROM THE MUNICIPAL PUBLIC SCHOOL SYSTEM OF RIO DE JANEIRO.*

 <https://orcid.org/0000-0001-7087-836X> Ana Carolina Campos de Menezes<sup>1A</sup>

<sup>A</sup> Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Rio de Janeiro, RJ, Brasil

Recebido em: dd mmm. aaaa | Aceito em: 15 de maio de 2024

Correspondência: Ana Carolina Campos de Menezes (e-mail@email.com)

### Resumo

Este trabalho apresenta o percurso de uma professora de Educação Infantil da rede pública, em seu processo de formação e de descoberta da pesquisa que brota do cotidiano da escola. Considerando que as crianças são parte integrante da sociedade e estão submetidas a uma estrutura desigual de poder, e com uma visão de infância que entende as crianças como sujeitos ativos e de direitos que reproduzem, interpretam e criam sua própria cultura. O espaço público de Educação Infantil, no caso deste trabalho, o Espaço de Desenvolvimento Infantil apresenta-se como um lugar privilegiado para as manifestações infantis, visto que é um espaço que deveria efetivar o do direito das crianças cariocas à educação. Relatos e fotografias de situações vividas no cotidiano deste espaço institucional, evidenciam o processo de construção de um olhar poético, que valoriza as experiências e acontecimentos genuínos vividos pelos bebês e crianças. Além disso, a construção de um olhar político, que compreende a pesquisa como parte da identidade do professor, e como forma de resistir contra os discursos de fracasso da educação pública.

**Palavras-chave:** Pesquisa; Docência; Educação Infantil; Crianças; EDI.

### Abstract

This work presents the Journey of a preschool teacher from a public school in her process of formation and discovery of the research that springs from the daily life at school. Considering that children are an integrating part of the society and are submitted by an unequal structure of power, with a vision of childhood that sees children as active subjects and with rights who reproduce, interpret and create their own culture. The public space of a preschool, in the case of this work the Space for Child Development, presents as a privileged place for children's manifestations since it is a space that should implement the right of Rio de Janeiro children to education. Reports and photographs of situations experienced daily on this institutional space shows the construction process of a poetic look which values the genuine experiences and events lived by babies and children. In addition, the construction of a political perspective that understands research as part of the teacher's identity and as a way of resisting against the speech of failure in public education.



**Keywords:** Research; Teaching; Child Education; Children; EDI.

## Primeiros passos

*Ninguém caminha sem aprender a caminhar, sem aprender a fazer o caminho caminhando, refazendo e retocando o sonho pelo qual se pôs a caminhar.*

**Paulo freire**

A formação dos professores é um assunto que parece ser da alçada de qualquer um. Não é raro escutar pessoas, que nunca estiveram em sala de aula, dando opiniões enérgicas sobre as causas do fracasso da educação, e atrelando parte dessa culpa a pouca, ou a má formação dos professores, sobretudo os que atuam na rede pública. No nível superior, médio, fundamental e na educação infantil, os professores são acusados de doutrinar e até de não ensinar aquilo que as crianças e adolescentes precisam aprender. Diante do cenário político obscuro vivido no Brasil nos últimos quatro anos, com o aprofundamento das desigualdades sociais, da constante negação de direitos e da ampla divulgação de discursos que afirmavam o não saber e a incapacidade dos professores, este relato apresenta de alguma forma a resistência de uma professora da educação básica.

Digamos, com Foucault, que escrevemos para transformar o que sabemos e não para transmitir o já sabido. Se alguma coisa nos anima a escrever é a possibilidade de que esse ato de escritura, essa experiência em palavras, nos permita liberar-nos de certas verdades, de modo a deixarmos de ser o que somos para ser outra coisa, diferentes do que vimos sendo (LARROSA; KOHAN, 2018 p. 5)

E nessa tentativa de resistir, corroboro com a citação acima, e nas linhas que seguem, busco transformar aquilo que se sabe, para ser outra. Este relato tem como objetivo compartilhar uma possibilidade de resistência formativa, ao apresentar parte do percurso formativo de uma professora de Educação Infantil da rede pública municipal do Rio de Janeiro. Tendo como base uma revisita ao trabalho de conclusão do curso de especialização em Educação Infantil, cursado na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro nos anos de 2018 a 2019, que marca o primeiro passo dado em busca de uma formação crítica e contextualizada. Adiciona-se também as reflexões e registros do cotidiano docente como Professora de Educação Infantil em um Espaço de Desenvolvimento Infantil da Zona Oeste do Rio de Janeiro.

Ainda, é importante frisar que este trabalho considera as crianças enquanto sujeitos de direitos, ativos, políticos e parte integrante da sociedade, e por isso estão inseridas em uma estrutura desigual de poder (TEBET, 2019). Considera-se também a infância enquanto

categoria geracional permanente na estrutura social, conforme apresentado por Qvortrup (2010, p.635):

Em termos estruturais, a infância não tem um começo e um fim temporais, e não pode, portanto, ser compreendida de maneira periódica. É compreendida, mais apropriadamente, como uma categoria permanente de qualquer estrutura geracional.

A epígrafe de Freire é um convite ao movimento, que se alia ao título escolhido “Primeiros passos”, que representa o modo inaugural de ser e estar dos bebês, que dentro e fora dos espaços institucionais, dão seus primeiros passos. E no caso da experiência aqui apresentada, os bebês tiveram papel fundamental no processo formativo, levando a educadora a dar seus primeiros passos em uma nova rota.

### **“Vi pela primeira vez”: construção de um novo jeito de olhar**

*Experimente ver pela primeira vez o que você vê todo dia, sem ver. (...) O hábito suja os olhos e lhes baixa a voltagem. Mas há sempre o que ver. Gente, coisas e bichos. E vemos? Não, não vemos. (...). Nossos olhos se gastam no dia a dia, opacos.*

**Otto Lara Resende**

Lecionar na rede pública municipal do Rio de Janeiro é um grande desafio para qualquer profissional, pois não há formação inicial que dê conta da multiplicidade de realidades em que vivem as crianças cariocas. Na Educação Infantil, a atuação é ainda mais complexa, considerando a ainda recente organização do segmento, se comparada ao ensino fundamental, considerando que um espaço que atende a Educação Infantil deve ser um “lugar público de convivência, de trocas simbólicas, de inserção cultural, de afetos e desafetos, de constituição de identidades e subjetividades” (NUNES, CORSINO 2012, p.13).

Atualmente, o atendimento das crianças cariocas em idade de Educação Infantil apresenta-se em diferentes formas, mas prioritariamente em creches e Espaços de Desenvolvimento Infantil (EDI). Em linhas gerais, o EDI é uma política pública que busca efetivar o direito das crianças cariocas à Educação Infantil. Diante disso, qual a formação capaz de abranger as questões políticas e poéticas que envolvem a docência na Educação Infantil carioca? Em meio a tantas demandas operacionais e a um número tão grande de crianças, como nutrir um olhar sensível e atento? Como estar presente, inteiro nas relações? Este e outros muitos questionamentos pairavam, e me levaram ao movimento de busca por formação continuada.

Ingresso no curso de especialização e sou confrontada a (re)pensar a visão de criança e infância, pensar sobre como minha prática muitas vezes não refletia aquilo que dizia acreditar. Mas a mudança formativa, não veio da especialização (título), mas do movimento de pesquisa que lá foi iniciado.

O primeiro contato com a produção de uma pesquisa ocorreu no âmbito do curso, onde para produzir a pesquisa, deveria fazer observação de interações entre crianças, o que me obrigou a deslocar-me para a condição de professora-pesquisadora, para um papel que não havia experimentado anteriormente. No movimento de observar, vi, pela primeira vez, a potência das crianças e do cotidiano, independente da dureza da realidade na qual estava inserida.

A partir deste momento a observação foi incorporada ao cotidiano docente, e via pesquisa em todas as situações cotidianas. Com isso, comecei a me envolver com o universo da produção de conhecimento e participei de congressos, simpósios e eventos em educação, apresentando trabalhos e produzindo resumos. As fotografias tornaram-se um rico instrumento de registro incorporado ao fazer docente e da pesquisa, e nas próximas linhas, apresento com fotografias e trechos do cotidiano algumas evidências deste processo de descoberta da pesquisa e do processo de transformação do olhar, que refletem a política e poética da infância dos bebês e crianças cariocas no EDI.

### ***Evidências do processo***

Embasado na visão de infância que entende as crianças como sujeitos ativos e potentes que reproduzem, interpretam e criam, através das interações com mundo em que estão inseridas, sua própria cultura (CORSARO, 2002), o cotidiano do EDI mostra-se como um potente e importante espaço de manifestação das culturas infantis. Para pensar de maneira poética esse cotidiano, tomo Gusmão e Jobim e Souza (2008) que encontraram inspiração nas palavras de Ecléa Bosi:

É do cotidiano que brota a magia, a brincadeira que vai transformando uma coisa em outra... Abra os olhos e apure os ouvidos. É só prestar atenção. Ao pintor que, do alto da escada, com seu gorro de jornal, vai colorir as paredes da casa, ao padeiro que hoje se inspirou e fez pães em forma de dragão e tartaruga (não passe indiferente pela vitrine). Você testemunha grandes e pequenos episódios que estão acontecendo à sua volta. Um dia será chamado a contar também. Então verá que o tecido das vidas mais comuns é atravessado por um fio dourado: esse fio é a história (BOSI, apud GUSMÃO; JOBIM E SOUZA, 2008, p.26. Grifo meu).

Ser um adulto na Educação Infantil é ter o privilégio de ser testemunha ocular de grandes descobertas sobre a vida, e sempre estar disponíveis ao encontro e atentos ao registro,

uma espécie de sujeito da experiência, sendo definido como: “(...) aquele que se deixa afetar pelo encontro com o outro, buscando não só compreendê-lo, mas também aprender com ele” (GUSMÃO; JOBIM E SOUZA, 2008, p.25). As fotografias e relatos, entrelaçados, narram um pouco do meu percurso de encontro com as belezas do cotidiano e o encontro com a pesquisa.

**Figura 1** – Bebês e a torneira de água.



**Fonte:** Arquivo pessoal (31/05/2019)

Brincávamos no pátio externo quando um grupo de meninas se aproximou da torneira do pátio. Elas olhavam e tocavam o objeto como se esperassem que algo acontecesse. Percebi o movimento e me aproximei. Abri a torneira e o encantamento foi imediato. Gargalhadas e gritinhos de alegria preenchiam o espaço. Com os dedinhos tentavam pegar a água, beber, molhar o corpo. Exploravam todas as possibilidades daquele momento. A brincadeira durou um longo período. Terminamos com os braços e pés molhados, mas muito felizes (Caderno de Registros, 31/05/2019)

Quantas vezes já paramos para pensar em como é incrível ter água saindo de uma torneira? As meninas da fotografia, com seus olhos de primeira vez para o mundo, se surpreendem com um mecanismo comum. É papel do educador atentar para o encontro das crianças com os objetos e os espaços, compreendendo e mapeando as possibilidades que daí surgem (GUIMARÃES, 2012). Com o olhar de pesquisa, notar como as crianças se prendem às minúcias, aos detalhes, ao que nos passaria, enquanto adultos, despercebido.

**Figura 2** – (a) Bebê engatinhando e o sol e (b) Bebê engatinhando e o sol



(a)

(b)

**Fonte:** Arquivo pessoal (29/05/2019)

Logo que chegamos ao fim da rampa que dá acesso ao pátio colocamos os bebês no chão, para que pudessem engatinhar e andar até o espaço. Todos o fizeram, exceto A. (11 meses). A menina engatinhou rapidamente para a lateral do pátio. Enquanto engatinhava, olhava para o chão e percebia sua sombra projetada. Admirei por alguns minutos aquela cena tão sensível. A. encontrou o sol que toca seu corpo, e projeta sua sombra no chão imitando seus movimentos (Caderno de registros, 29/25/2019).

A oportunidade que A. teve de encontrar-se com o sol, é também um momento de encontro com ela mesma. Ver seu corpo projetado, seguindo seus passos gerou um grande contentamento.

As crianças são capazes de estabelecer comunicação com o outro sem a necessidade de palavras. Geralmente, os adultos não estão atentos o suficiente para perceber e valorizar esse processo. Somente seus pares, atentos ao outro são capazes de valorizar aquela comunicação “muda”.

**Figura 3** – Crianças observando através de tela aramada.



**Fonte:** Arquivo pessoal (27/02/2019)

As crianças do grupo exploram o espaço da sala com muita propriedade. Com recorrência procuram o solário e ficam admirando a rua, através do aramado. Observam em silêncio, às vezes tecem comentários. Quando percebem barulhos de cavalo, logo se animam e esperam ansiosos pela passagem dos animais na rua. Quando a saudade aperta, correm até o aramado e chamam: Mãe! Mamãe! Quando a rua está bem silenciosa, ficam também em silêncio (Caderno de registros, 27/02/2019).

A vida que se dá na estreita aresta de quem olha com olhos que indaga o mundo. O tempo da contemplação e amplidão do espaço. Em todas as situações evidenciadas acima, os bebês tiveram a oportunidade de viver experiências por completo (WINNICOTT, 2019). Não foram interditados pelos adultos. E para desfrutar dessas experiências completas os bebês necessitam de tempo, pois conforme defendido por Winnicott (2019, p.86): “Quando estamos apressados, ou preocupados, não podemos facilitar acontecimentos totais, e o bebê fica mais pobre”.

A experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm:

requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço (LARROSA 2018, p.25)

As palavras de Larrosa inspiram a pensar uma docência na educação infantil, baseada no gesto de interrupção. Não em relação às crianças, mas interromper a lógica adulta acelerada, e a rotina tarefaira, para testemunhar e desfrutar de experiências genuínas, e ver o poder da pesquisa do cotidiano.

### **Estudar e/é resistir: docência e pesquisa.**

Nas páginas deste trabalho estão as evidências de uma transformação. Conforme brilhantemente descrito por Larrosa e Kohan, o ato de escrever traz liberdade, e a possibilidade de transformar o que se sabe em algo novo. Diante de tudo que aqui está documentado, faz-se necessário, ainda, algumas considerações.

O primeiro grande achado diz respeito à atividade da pesquisa propriamente dita, pois defendo a pesquisa como um eixo formativo do professor. Conforme apresentado por Becker (2007, p.7) “Um pesquisador não precisa ser professor. Acontece que as funções de pesquisa e de ensino cruzam-se, na prática, de forma muito íntima”. Pesquisar para ser plenamente

professor, em uma concepção de docência em que alunos e professores são sujeitos que constroem conhecimento. No caso da educação infantil, crianças e adultos como estes sujeitos. Todo o relato aqui apresentado, só foi possível porque a pesquisa foi incorporada à prática docente.

Além do aspecto da pesquisa, os registros, escritos e fotográficos, mostraram-se cruciais na pesquisa. Pensando especificamente a importância da fotografia, conforme apresentado por Caputo e Sant’anna (2020, p. 318-319): “vemos a fotografia não apenas como fonte de compreensão do passado, mas como fonte, método e teoria de interrogação do passado e do presente. E, talvez até, como modo de sonhar o futuro”. Aliados, os registros escritos e fotográficos, permitem que o professor avalie o passado, viva o presente e vislumbre as ações futuras, dando atenção aos detalhes, pensando a poética e a política que ambos revelam.

**Figura 4** – Criança observando através de tela aramada.



**Fonte:** Arquivo pessoal (25/04/2019)

Na fotografia acima, uma menina que está no segundo piso do EDI, olha através da grade, crianças que brincam no pátio que fica no térreo. Ela, ao olhar a grade não viu uma barreira, mas uma possibilidade. A amplitude que esse espaço assume também permitiu que ela se ampliasse e tivesse a oportunidade de entrar em contato com aquilo que fisicamente está distante, mas apesar disso é possível ver, ouvir e sentir. Digo isso, pois engana-se quem pensa que este processo de formação e pesquisa foi vivido em um cenário de tranquilidade. A realidade era um momento de constante negação de direitos, por exemplo com a não garantia

do direito dos professores a 1/3 das atividades extraclasse para planejamento, estudo e formação nas mais diversas formas. E é nesse sentido que este trabalho aponta, para que possamos ver nas barreiras, possibilidades.

Tudo que acima foi percorrido revela também o papel político desta e de outras pesquisas, pois evidenciar as crianças que usufruem diariamente de um espaço público onde efetiva-se seu direito à educação, é dar voz, e nome, suavizar a tirania que o desenho de um espaço para usuários anônimos produz (LIMA, 1989). Pesquisar as ações das crianças em espaços projetados para elas é legitimar suas ações como sujeito. Reconhecendo a pluralidade de infâncias vividas, reconhecendo as crianças enquanto sujeitos históricos e de direitos, e tendo plena consciência da complexidade que é atuar diante da diversidade, pesquisar. Para não se conformar, e não aquietar. Pesquisar para revolucionar as práticas. Pesquisar para ser plenamente professor da Educação Infantil.

## Referências

- BECKER, Fernando. Ensino e Pesquisa: qual a relação? In: BECKER, Fernando e MARQUES, Tania. *Ser professor é ser pesquisador*. Porto Alegre: editora mediação, 2012.
- CAPUTO, Stela Guedes, SANT'ANNA, Cristiano. "Sou ekedi Lara de Oxóssi. Meu nome sou eu e Oxóssi. Não coloca meu nome sozinho não": Notas sobre fotografia e ética nas pesquisas com crianças. *Rev. Eletrônica Mestr. Educ. Ambient.* Dossiê temático "Imagens: resistências e criações cotidianas", junho, 2020.
- GUIMARÃES, Daniela. Educação Infantil: espaços e experiências. In: CORSINO, Patrícia (org.) *Educação Infantil: cotidiano e políticas*. Campinas, SP: Autores Associados, 2012, pp. 93-104.
- NUNES, M. F.; CORSINO, P. A institucionalização da infância: antigas questões, novos desafios. In: CORSINO, P. (org.). *Educação Infantil: cotidiano e políticas*. Campinas, SP: Autores Associados, 2012.
- GUSMÃO, Denise e JOBIM E SOUZA, Solange. A estética da delicadeza nas roças de Minas: sobre a memória e a fotografia como estratégia de pesquisa-intervenção. *Psicologia e Sociedade*; 20. ed. Especial, pp. 24-31, 2008.
- LARROSSA, Jorge. *Tremores: escritos sobre experiência*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018.
- ROMEU, Gabriela. Narrativas do Olhar: notas de um diário. In: MAPA DA INFÂNCIA BRASILEIRA. *Quem está na escuta? Diálogos, reflexões e trocas de especialistas que dão vez e voz às crianças*. 2016. Disponível em: [http://primeirainfancia.org.br/wpcontent/uploads/2016/11/T300000001836-0-Mapa\\_infancia-000.pdf](http://primeirainfancia.org.br/wpcontent/uploads/2016/11/T300000001836-0-Mapa_infancia-000.pdf). Acesso em 25 de fev. de 2019
- LIMA, Mayumi Souza. *A cidade e a criança*. São Paulo: Nobel, 1989.
- WINNICOTT, Donald Woods. *A criança e o seu mundo* (pp.83-103). 6ed. Rio de Janeiro: LTC. 2019

